

O PET Convida a Refletir: práticas discursivas sobre LGBTTFobia na universidade

Prof.^a Tatiana Reidel; Débora de Bitencourt Fél, Francielly Muria, Laura Vargas dos Santos, Milene Amaral Pereira, Natália Duarte Flores, Valquiria Quintanilha Fortunato

O Programa de Educação Tutorial (PET) tem como princípio a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da educação tutorial. Ao encontro desta proposta, o PET Conexões de Saberes: Cenários de Práticas e de Estágios Curriculares Noturnos, constituído por estudantes de graduação do Campus Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Psicologia, Odontologia, Saúde Coletiva e Serviço Social - tem como proposta a interdisciplinaridade e a discussão e promoção de práticas que dialoguem com a realidade de estudantes dos cursos noturnos. Neste sentido, compreendemos que a interseccionalidade entre os temas que envolvem a diversidade de gênero, sexualidade, raça e classe são fundamentais na construção desta proposta. Uma das atividades desenvolvidas pelo grupo, intitulada “PET Convida a Refletir”, tem como objetivo trazer a reflexão e problematização acerca de datas “comemorativas”, referente a temas relacionados a coletividades que sofrem processos de estigmatização e discriminação, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão social que são invisibilizados no contexto acadêmico. São exemplos destas datas a falsa abolição da escravatura, o dia do índio, da mulher negra, latinoamericana e caribenha, entre outros. A intervenção que abordaremos neste trabalho refere-se ao dia 17 de maio: Dia mundial de luta contra a LGBTTFobia. Como Metodologia desenvolveram-se encontros por meio de Grupo de Estudo e Trabalho (GET) e foram elaborados cartazes que posteriormente foram espalhados pelos campi da UFRGS, contendo dados sobre violência contra a população LGBTT e relatos de situações vivenciadas. Todas as informações foram retiradas da internet, a partir de pesquisa bibliográfica. As colagens foram feitas nos murais, banheiros e corredores do campus Saúde e Centro, e como forma de chamar a atenção, foi utilizado jornais com marcas de mãos, feitas com tinta vermelha, simbolizando tal violência. No entanto, para além de uma colagem de cartazes, buscamos uma forma com que pudéssemos provocar a comunidade acadêmica a expressar suas opiniões e interagir. Assim, em um espaço em branco ao lado do cartaz, era possível responder a questionamentos como “Qual a sua opinião sobre isso?” e “Como você se sente em relação a isso?”. Após duas semanas da intervenção, muitas foram as respostas expressadas. Dentre elas, as mais evidentes foram: a omissão; o apoio à luta LGBTT e identificação com a violência sofrida; a descaracterização da violência, com questionamentos de que tais agressões não seriam causadas pela LGBTTFobia; cartazes rasgados e outros arrancados. Desta forma, observamos que mesmo no contexto acadêmico, considerado um lugar de construção de conhecimento, a banalização de lutas sociais de extrema importância ainda se faz presente. Este cenário demonstra a contradição presente na academia, onde a discussão sobre estas temáticas ainda são secundarizadas. Avaliamos que, embora a atividade não tenha sido mais ampliada, dentro e fora da universidade, esta pequena ação diz muito sobre a realidade vivenciada pela população LGBTT nos mais diversos espaços. Entende-se como resultado a reflexão e a intervenção que esta ação provocou, temos como perspectiva a ampliação da discussão desta temática, tanto no contexto acadêmico, quanto para além dos muros da universidade.

Descritores: LGBTTFobia; Diversidade; Direitos Humanos; Interseccionalidade.